UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTIFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:
https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/10695

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:
©2012 by PUCSP/Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada. All rights reserved.

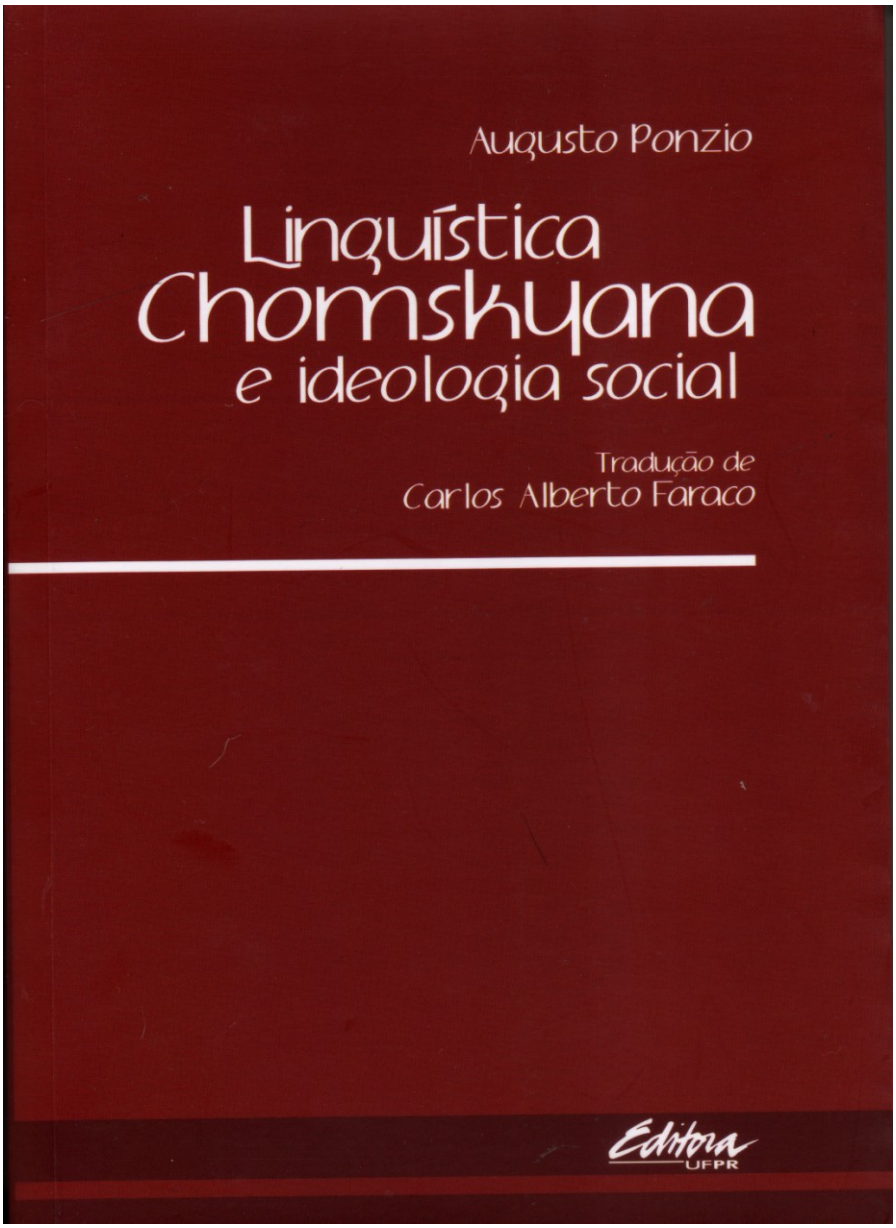
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo
CEP 13083-970 – Campinas SP
Fone: (19) 3521-6493
http://www.repositorio.unicamp.br

PONZIO, Augusto. *Linguística chomskyana e ideologia social.* Trad. Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR. 2012. 323 p.

Relendo um livro

Sírio Possenti[*]



[*] Professor da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil; siriop@terra.com.br

Em 1976, encontrei na livraria Pontes, em Campinas, um livro de Augusto Ponzio, cujo título era *Gramática transformacional e ideologia política*. Foi na mesma livraria, aliás, e na mesma época (se não no mesmo dia), que também comprei um livro de Voloshinov que acabara de chegar de Buenos Aires: *El signo ideológico y la filosofia del lenguaje*.

Naqueles tempos, encontrar algum livro de ou sobre linguística que confrontasse o estruturalismo ou a gramática gerativa era mais ou menos raro. Lembro-me de Adam Schaff, de Rossi-Landi, de Ponzio e de Voloshinov, que acabei citando em minha dissertação de mestrado, talvez um pouco ingenuamente, no afã de combater um Chomsky quase completamente dominante, sobretudo em termos ideológicos, com seu inatismo e sua gramática com universais (que líamos simplesmente como universal).

Em meu mestrado, queria combater Chomsky por dentro (pertenci a uma geração que só queria mudar o mundo e achava que estava a ponto de fazê-lo), e por isso adotei as teses da fonologia natural – não havia uma fonologia marxista (ainda bem que Lisenko não mexeu nisso). Mas, como disse, descambei para uma crítica ideológica direta, feita com as armas fornecidas pelo quarteto acima mencionado.

O que mais me impressionou em Ponzio foi uma análise que mostrava coincidências nada fortuitas entre passagens da obra de Chomsky e da declaração da Independência dos Estados Unidos e de Thomas Jefferson – que citei nas conclusões de minha dissertação. Ponzio queria mostrar que se trata do mesmo discurso (digamos que eram quase paráfrases). E é cada vez mais claro que se trata mesmo!

Lembro também que o volume que li e rabisquei era verde e pequeno, publicado pela Nueva Visión, de Buenos Aires, que não encontro mais entre meus livros (alguns colegas acharam que eu tinha livros mais adequados para pertencerem a eles do que a mim e decidiram ficar definitivamente com alguns dos empréstimos... que ainda podem devolver; moro no mesmo endereço). No meio deles, está, no entanto, uma obra de Ponzio que se chama *Producción linguística e ideologia social; para una critica marxista del lenguaje e de la comunicación*, publicada por Alberto Corazón, em Madrid, cujo primeiro capítulo, de cerca de 100 páginas, tem exatamente o mesmo título do livro que citei acima (e na bibliografia de minha dissertação), e que contém a tal "análise de discurso" que Ponzio levou a cabo comparando textos de épocas diferentes, cujo fundo ideológico é o mesmo.

Pois agora este livro está à disposição dos leitores brasileiros, traduzido por Carlos Alberto Faraco, precedido de uma *Introdução* e de longo *Apêndice* do próprio autor, e acompanhado de uma apresentação do tradutor (que, sóbria e competentemente, expõe as teses fundamentais do livro) e de orelha de João Wanderley Geraldi, chamando atenção para o fato de que Ponzio leva em conta toda a obra de Chomsky, e não só sua linguística, exatamente porque avalia que são os mesmos os fundamentos de sua teoria gramatical e os de sua militância política (que alguns linguistas brasileiros não levam em conta, assinala Geraldi).

O volume contém, além dos textos mencionados, três capítulos: I. Linguística chomskyana e ideologia política, II. Gramática gerativa, biologia e cibernética e III. Produção linguística e sistema social. O último faz o debate mais direto com Chomsky a partir de postulados marxistas, por um lado, e, por outro, propõe a consideração mais radical dos pontos de vista sociais, destacando a diferença de estatuto das "anormalidades linguísticas" quando vistas apenas a partir de uma maquinaria gramatical "interna" e quando consideradas à luz dos fatores sociais. Sumariamente, Ponzio reivindica que a caracterização da linguagem esquizofrênica, por exemplo, leve em conta "parâmetros pelos quais, na comunicação intersubjetiva, ela se apresenta como patológica", exatamente porque nenhum traço isolado (paralogismos, neologismos etc.) é suficiente para caracterizar uma patologia. Vê-se aqui, claramente, a demanda pela consideração de fatores de ordem social (ideológica), e não apenas de uma gramática *interna*.

Algumas ideias acabam sendo repetidas, como é inevitável, seja nos quatro paratextos, seja nos diversos capítulos do livro. Se Ponzio precisasse reduzir seu livro a um tuíte, por uma razão qualquer, talvez escolhesse a seguinte passagem: "... a linguagem não é algo apenas natural, como não é também algo de não natural: ela é, como todo fato humano, um fenômeno fundamentalmente histórico-social" (p.203).

É em torno dessa questão, explicitando e combatendo teses e pressupostos, e agregando fatos e fatores não considerados por Chomsky, que o livro vai sendo construído. Na época, foi um petardo contra as teses chomskyanas, nas mãos de quem já tinha esta posição e apenas precisava de mais (ou de alguns) argumentos, ou, alternativamente, foi simplesmente desconhecido, porque não falava das mesmas coisas de que tratava Chomsky.

Sabe-se que há duas formas de combater uma teoria: contestar os fatos de que trata (não são bem como você os apresenta) ou sua análise (significam isso e não aquilo), ou, então, tentar pôr abaixo todo o projeto, atacando sua metafísica (é / não é um fato biológico, há / não há universais, a sintaxe é / não é central ou autônoma).

É o que ainda hoje faz a fortuna ou produz o desconhecimento de obras como esta, e também de suas antípodas. De fato, qual é o chomskyano que lê Bakhtin, Pêcheux ou Foucault? E qual é o leitor desses autores (exceto eles, claro, cada um a seu tempo) que frequenta obras "formalistas", gerativistas ou não?

Sabe-se que a gramática gerativa é uma teoria fundada na competência dos falantes, isto é, no fato de que sabem produzir e compreender sentenças novas (ou nunca ouvidas). Ponzio pergunta o que significa compreender enunciados como "Os operários ameaçam a ordem pública quando fazem greve pelas suas reivindicações" (e mais quatro do mesmo jaez). É bastante claro que estão em jogo dois sentidos de "compreender". E que certamente, se houver um debate sobre o tema, cada lado sairá ainda mais convencido de que é o outro que não compreende o que significa "compreender".

Este tipo de confrontação marca o livro todo: a teoria de Chomsky é exposta (talvez um adepto não concorde com a apresentação) e criticada, seja por seus limites (como não incluir uma pragmática), seja por não levar a sério o que diz, como no caso acima ou em outros do mesmo quilate, trate-se de compreender ou de falar – atividade que também está submetida a numerosas condicionantes externas, que a teoria de Chomksy ignora ou relega a domínios paralelos, quando não as inclui entre os mistérios.

Seja sobre a natureza das línguas, seja sobre a questão da competência, seja sobre a questão dos sentidos, seja sobre a questão das patologias linguísticas, o livro pretende mostrar que a linguística de Chomsky é limitada e, eventualmente, equivocada em seus próprios termos.

Acaba por expor à luz do sol que o debate ou é interno (discutindo as soluções nos termos das hipóteses propostas sobre objetos definidos) ou externo, e diz respeito a como definir os objetos (no caso, a língua). O livro de Ponzio se dedica bem mais ao segundo do que ao primeiro, seja pelo espaço dedicado a ele, seja pelos autores citados, seja pelos argumentos evocados, seja pelas contrapropostas. Mas, principalmente, esta posição fica absolutamente clara pelo fato de que não apresenta uma teoria sintática (ou

fonológica) que deveria ocupar o lugar da chomskyana e que fosse compatível com suas exigências para uma teoria linguística. Nem esclarece se isso seria ou não necessário.

O que o livro faz, fundamentalmente, é cobrar de Chomsky uma posição menos alienada, do ponto de vista ideológico, mais complexa, do ponto de vista da produção e da interpretação dos enunciados, que não reduza a gramática a uma espécie de programa (cibernético, nos termos da época), que reconheça seus compromissos idealistas (e que os abandone, em nome da evidência de outros fatores!).

Por mim, assino tudo isso. Mas é preciso reconhecer que se trata de um combate que segue as regras feitas por uma das bancadas. Se fosse possível olhar para o debate de fora e se fosse lícito valer-se de uma metáfora "esportiva", provavelmente se poderia dizer que os contendores praticam esportes diferentes, e que, além de quererem vencer, com suas regras e seus golpes, pretendem fazer com que, depois dessa luta, só uma das "modalidades" possa sobreviver.

Trata-se, portanto, de um livro que todos deveriam ler, para considerar tanto o que ele diz, o que critica e o que propõe, mas também para compreender melhor as políticas dos campos, as relações das teorias com as instituições e com os poderes, dos quais nenhuma escapa, embora cada uma prefira o papel de acusador.

Para quem gosta de debates, trata-se de um prato cheio. Para quem quer um aliado para suas posições, de um livro para ser celebrado ou para ser desdenhado.

Recebido em 15/08/2012
Aprovado em 30/10/2012